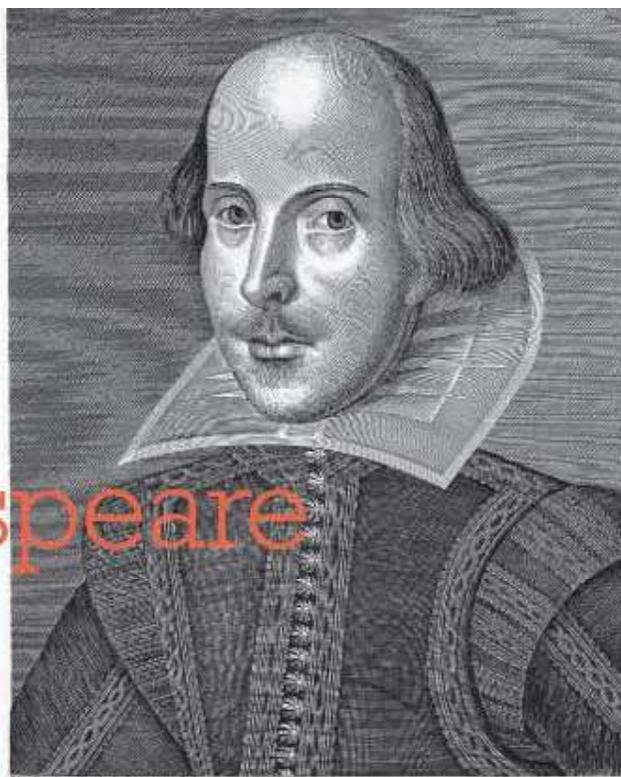


William Shakespeare

No dia 23 de abril de 2016, exatamente neste dia, vão se completar os 400 anos da morte do maior contador de histórias que a humanidade já conheceu, William Shakespeare.



Matthias Stamer/ (1616/17) London

E sua essência está presente nas tramas e dramas das novelas da televisão, nos filmes de Hollywood, nos desenhos (o que é O Rei Leão senão uma livre adaptação do maior dramaturgo?). A obra de Shakespeare foca e dissecar, como ninguém mais conseguiu, a traição, a mentira, a estratégia e a sedução que envolve todo e qualquer poder, traduzindo tudo isso em palavras com uma capacidade nunca antes vista.

Há quem diga que será mais ou menos neste mesmo período, perto do final de abril, **que será enfim desvendado o mistério e o lenga-lenga em torno do impedimento da presidente Dilma.** O que vamos ver em 2016 é que este ano corre o seríssimo risco de não começar logo após o Carnaval, como habitualmente ocorreu com todos os anos passados aqui no Brasil, mas apenas em 2017.

Vejam: o foco agora é o desfecho desse drama de traição para quem fica

no comando da nave-mãe, o governo nacional. E traição aí vale para Dilma, que prometeu em campanha um País e entregou outro (nem mesmo seu ministro da Fazenda resistiu a tamanha falácia). Vale também para o vice-presidente Michel Temer que, verdadeiramente, sentiu que pode ser o homem da transição e não piscou duas vezes em deixar sua companheira Dilma sozinha. Vale para a oposição que não se aguenta de vontade de sentar no trono e perdeu a paciência de esperar 2018.

Em seguida, resolvido se caberá a Dilma seguir ou não no comando da Nação, será a vez das Olimpíadas do Rio de Janeiro; durante um mês o mundo terá os olhos voltados para este que é o maior evento esportivo do Planeta. Mesmo que não se deseje, a rotina mudará. São muitos bilhões de dólares envolvidos neste evento, especialmente do ponto de vista da publicidade e não há meio de comunicação que deseje enfrentar a privação de tanto recurso.

Quando os deuses do esporte voltarem ao seu Olimpo, já será a hora de o brasileiro novamente voltar às urnas para escolher prefeitos e vereadores, ou seja, os cabos eleitorais das eleições de 2018 para presidente, governador, senador, deputados. E aí já é Natal e Ano Novo. E, quem sabe, 2016 comece em 2017!

Diante de tudo isso, alguém pode estar perguntando se abandonei a esperança de que teremos um futuro melhor. E já vou avisando: não! E uso aqui o argumento que ouvi na última semana do ano recém encerrado da boca de um patenteado militar brasileiro - gente de fato importante na hierarquia das Forças Armadas - quando alguém demonstrava saudades dos militares no poder central do Brasil. Ele disse o seguinte: "deixando de lado todo o desenho internacional daquele momento histórico, os militares só decidiram entrar na organização do Brasil porque não havia força para uma nova ordem. **Hoje, ao contrário, as instituições que não existiam naquele ano de 1964 (como Polícia Federal e Ministério Público e Justiça Federal como a de hoje) existem e cumprem exemplarmente o seu papel.** Portanto, não há motivo para o agir de nenhuma força estranha. Aí está minha certeza, o que é bem mais do que esperança, o Brasil está no caminho certo para traçar o seu futuro: o das urnas. O do bom senso do cidadão no momento de apertar os botões da urna eletrônica.